

# Opinião

com. Brasil

## A fábula do sapo e do escorpião

WILSON FIGUEIREDO

A televisão e as fotografias mostraram ministros e presidente apavorados no auge da crise que passou de raspão pelo Brasil e, depois da dar a volta ao mundo, começa a refazer a rota. Por onde passava Fernando Henrique ia dizendo o que a conveniência soprava, mas o medo estampado – o presidente e os ministros estavam irreconhecíveis – desmentia a arrogância diante dos fatos. Até que alguém se lembrou de proclamar que o pior havia passado, sem advertir que pode voltar.

Fernando Henrique devia ter-se dado conta do risco. Corria o mês de novembro, sob o signo de escorpião. Não lhe ocorreu o precedente de César a caminho do Senado onde viveria, na versão de Shakespeare, o último ato da sua biografia. César deu uma paradinha para cobrar do cego a inutilidade da recomendação de ter especial cuidado com os Idos de Março, que haviam chegado sem nada acontecer. Como candidato a ditador (o que evitaria a necessidade de reeleição) não deu maior valor à resposta do adivinho: eram realmente chegados os Idos de Março, mas ainda não tinham passado. Estavam correndo. De fato, pouco depois ele caía sob o punhal dos conspiradores.

Assim que amainou a tempestade especulativa, cheia de presságios, Fernando Henrique embarcou para Londres, onde seria comparado – mera coincidência? – logo a César. Faltou, porém, um adivinho de rua. Era dispensável. O calendário gregoriano não se acautela em relação a idos, como o romano, para advertir sobre o mau agouro na metade dos meses de março, maio, junho e outubro. O Brasil não tem idos mas reserva aos dias 13 o sobreaviso.

Fiou-se o presidente nas imunidades na-

turais de dezembro, janeiro e fevereiro sem atentar para o risco de ataque especulativo pelas costas. Viajou assim que o pior tinha ido (sem trocadilho) embora. Nem desconfiou do que o esperava em Londres, de braços abertos, a comparação com César, feita em latim pelo orador oficial da Universidade de Cambridge. E, ao voltar, já começou a sentir os sinais do assalto especulativo que bate à sua porta sem qualquer consideração eleitoral. Claro, numa era de comunicação instantânea e café solúvel idem, assim como se foi, outra tempestade pode se formar sem pedir licença.

O ataque especulativo de novembro foi prontamente decifrado como manifestação sazonal da Fase Culminante da Globalização que está mais para privação da razão que privatização geral. Ninguém esperava tão cedo nada parecido com crise, mas nada se parece mais com crise que outra crise.

Assim, de sopetão, os novos sinais de crise internacional presenteiam com novos indícios os desanimados de esperar a crise final do capitalismo. Tiveram de se contentar com amostras toda a vida. Era compreensível que, reprovados em aula prática de História, se sentissem politicamente ofendidos pela globalização que tripudia sobre tudo que pensavam. Não estavam preparados para a concordata preventiva do socialismo e muito menos para a globalização que leva tudo de cambulhada. Não havia essa matéria quando estudaram História. Estava escrito (pelo próprio punho de Marx) que teria de acontecer um dia o colapso do capitalismo. Não foi desta vez, mas o assalto especulativo mexeu com a esquerda.

Essa gente bronzeada do governo, depois de demonstrar seu valor explicativo, não se refaz do esforço de acompanhar a crise dos confins da Ásia até o Brasil, sem perder o fô-

lego. Após três anos de globalização intensiva, privatização nem tanto, os alvoroçados de esquerda concederam-se um prêmio pela fidelidade à esperança de crise. Vinham sendo fustigados, na teoria e na prática, pela avassaladora supressão de uma etapa histórica com a qual contaram a vida toda. Quem sabe não seria a globalização da própria crise? O massacre das esquerdas pelas privatizações pode ser a desforra do capitalismo. Restavam apenas a contagem regressiva, enquanto os socialistas gastavam por conta a herança que a História não passou em cartório.

Com a concordata preventiva pedida pelo marxismo, na sede da multinacional em Moscou, a situação se inverteu. No túmulo do capitalismo russo repousa o socialismo soviético. Era portanto previsível que os capitalistas fossem à forra, ainda que de brincadeira. Foram, e não era. Trataram de pedir de volta os anéis que haviam cedido para ficar com os dedos. À primeira vista pareceu que o capitalismo voltava para fazer todo mundo enriquecer, mas logo os socialistas se sentiram os primeiros desempregados.

O capitalismo dispõe da fábula do sapo e do escorpião para mostrar que não veio ao mundo para se divertir. Um escorpião que pediu carona ao sapo para levá-lo à outra margem, mediante garantia de não se valer da oportunidade para picá-lo, no meio do caminho não resistiu à tentação e o picou. A vítima quis saber qual a razão para o ato desnecessário e, antes de morrer, ouviu: porque sou escorpião.

Seria o cúmulo que o capitalismo deixasse de ser como é para agradar à teoria que insiste em apresentá-lo com bons modos. A globalização é uma necessidade compulsiva, exigência da própria sobrevivência. Fica claro que não tem motivo para mudar seu modo de ser.